
QUANDO A TINTA ACABA: UMA ANÁLISE DO SUICÍDIO NA LITERATURA PORTUGUESA DO SÉCULO XIX

Guilherme Nogueira Milner
Orientador: Sílvio Renato Jorge
Mestrando

RESUMO

À luz dos conhecimentos de Karl Marx, Durkheim e Andrew Solomon, pensando por um viés mais social e psicológico, este trabalho busca fazer uma análise comparativa da representação do suicídio de Mariana, personagem de *Amor de Perdição*, romance do autor português Camilo Castelo Branco, publicado em 1862 e de Pedro da Maia, personagem de *Os Maias*, romance escrito por Eça de Queirós e publicado no Porto em 1888. Aquele aliado ao pensamento romântico da época e este de acordo com a escola realista, aqui pensaremos na trajetória das personagens até o ato final da morte voluntária. Mariana presa em um triângulo amoroso que impossibilitará a reciprocidade do amor, vai entender que se há qualquer impedimento ao amor, há também, igualmente, uma saída para que ele triunfe, mesmo em todo o caos. Essa saída vai ser a morte, funcionando na transcendência do amor não possibilitado em vida. Do outro lado, Pedro da Maia, abandonado por sua esposa, Maria Monforte, põe fim na própria vida por uma suposta "covardia moral". Estudaremos então a visão do suicídio nos romances aliando a trajetória da personagem com a já citada perspectiva teórica.

PALAVRAS-CHAVE: Suicídio, Sociedade, Literatura Comparada, Morte voluntária.

*“I used to be frightened of dying
I used to think death was the end
But that was before
I'm not scared anymore
I know that my soul will transcend”
(Dream Theater – Spirit Carries On)*

Introdução

Este trabalho busca expor alguns aspectos da minha ainda embrionária pesquisa de mestrado que vai estudar duas narrativas portuguesas do século XIX. São elas: *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco, livro publicado em 1862 e *Os Maias*, romance escrito por Eça de Queirós e publicado no Porto em 1888.

À luz dos conhecimentos de Marx, Durkheim e Solomon, pensando o suicídio por um viés, de certa forma, mais social e filosófico (ainda que pensando também no lado psicológico), busco fazer uma análise do suicídio de Mariana, personagem de *Amor de Perdição* e de Pedro da Maia, personagem de *Os Maias*. Verifica-se que aquela, aliada ao pensamento romântico da época e presa dentro de um triângulo amoroso com Simão e Teresa, impossibilitando assim a reciprocidade de sua paixão por Simão, vai entender que se há qualquer impedimento ao amor, existe também uma saída para que ele triunfe mesmo em todo o caos. Essa saída vai ser a morte, funcionando na transcendência do amor não possibilitado em vida. No caso de Pedro da Maia, abraçado com o pensamento realista, vai suicidar-se por uma suposta “covardia moral” após sua esposa, Maria Monforte, ter fugido de casa com o italiano Tancredo.

Estudar essas duas narrativas de pensamentos tão distintos vai permitir trabalhar a citação de Orione (2010, p. 303) que diz:

Não é difícil notar que, ao contrário das narrativas românticas, que são histórias que relatam um percurso ascendente da personagem rumo à felicidade e/ou ao heroísmo (o que faz com que esses relatos terminem bem, seja de que forma for), as narrativas realistas são histórias de decadência, e que invariavelmente terminam mal.

Essa passagem aplica-se nas situações tanto de Mariana quanto de Pedro. Uma história de heroísmo de um amor não possibilitado em vida e outra de uma trajetória decadente, culminando em um suicídio que vai diferir do de Mariana por não ser esse gesto dignificante mas, sim, o ponto culminante de sua suposta degradação e covardia moral. Ainda sobre as diferenças dos romantismo para o realismo, Orione (2010, p. 304-305) coloca em questão:

Constatamos que o Realismo esvazia a heroicidade dos dramas românticos e a grandiloquência da representação amorosa neles presente. O realismo é o romantismo virado do avesso (sobretudo na Literatura Portuguesa). Em

síntese: as narrativas românticas mostram personagens que se elevam, as realistas, personagens que se rebaixam. Nas primeiras, os indivíduos ascendem à felicidade e conhecem algum tipo de transcendência moral; nas segundas, eles decaem de um estado relativamente bom a uma situação degradante, tanto do ponto de vista moral como social.

Passagem que pode ser trabalhada analisando junto ao caso de *Amor de Perdição* e *Os Maias*, as obras *Os sofrimentos do Jovem Werther* e *Madame Bovary*, de Goethe e Flaubert, respectivamente. Werther, personagem de Goethe que assim como Mariana se encontrava dentro de um triângulo amoroso com Carlota e seu noivo Alberto, vai suicidar-se ao perceber a impossibilidade de ter seu amor correspondido, tendo, também, um fim ascendente e heroico. Já Emma Bovary, por outro lado, ao engolir o arsênio, nota-se o ponto que culmina sua degradação moral que comportou diversas traições ao marido, seja com Rodolfo ou seja com León, que se aproxima do mesmo pensamento realista onde insere-se *Os Maias* e Pedro da Maia.

Fundamentos teóricos

Trabalhar com a morte voluntária, ou, em outro termo, o suicídio, cai obrigatoriamente dentro de um estudo interdisciplinar. Aqui, pensaremos o suicídio utilizando de três eixos distintos, entretanto, complementares. A saber: o filosófico com Albert Camus, em *O homem revoltado* e *O mito de Sísifo*; o psiquiátrico e psicanalítico, com Karl Menninger, *Eros e Tanatos - o homem contra si próprio* e Freud; e, por fim, o social, com Marx e Durkheim.

No ponto de vista filosófico, a morte é bastante trabalhada com o já citado filósofo Albert Camus, também conhecido pela inquietante afirmação: “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Para o autor, julgar se a vida merece ou não ser vivida é responder a uma questão fundamental da filosofia. Vai, então, desenvolver tal dilema humano através da analogia com o mito de Sísifo. Nele, Sísifo, ao conseguir enganar a morte duas vezes, recebe um castigo dos deuses: empurrar sem descanso um rochedo até o cume de uma montanha, de onde a pedra caía de novo, em consequência do seu peso. Os deuses acreditavam que não haveria castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança. Assim, o mito de Sísifo traz o dilema humano básico: se a vida vale a pena ou não ser vivida. Ainda para Camus, “o mundo não tem sentido nem razão e a vida é, então, absurda e vã, pois a enfadonha monotonia do dia a dia carece de um sentido: andamos para a morte no futuro ao mesmo tempo que a tememos; e a inquietação da vida e a insensatez do sofrimento seriam o caos absurdo de

um mundo cheio de irracionalidades” (apud DIAS, 1997, p. 30). Deste modo, inaugura o tema suicídio como um problema central de reflexão também dos filósofos.

Passando pela psicanálise para depois entrar na questão do suicídio para a psiquiatria, Freud, em *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (1910), que vai ser seu único texto sob título específico de suicídio nas obras completas, é relacionado à área da educação. “É neste texto, anterior à teoria da pulsão da morte, que Freud parece arriscar sua primeira explicação com respeito ao suicídio: 'Estávamos ansiosos sobretudo em saber como seria possível subjugar-se o extraordinariamente poderoso instinto de vida: se isto pode apenas acontecer com o auxílio de uma libido desiludida, ou se o ego pode renunciar a sua autopreservação, por seus próprios motivos egoístas!.'” (Ibidem, p.21). Posteriormente, no *Além do princípio do prazer* (1920), Freud vai procurar desenvolver uma concepção da natureza humana que funcionaria em termos de duas tendências essenciais: uma delas, Eros, a pulsão que conduz à vida, a outra, Tanatos, a pulsão que conduz à morte. Para Freud, estas duas tendências corresponderiam a dois polos distintos e antagônicos, ou seja, a pulsão de vida conduziria ao crescimento, reprodução, ampliação da vida, unindo, estabelecendo conexões. Em contraposição, a pulsão de morte buscaria destruir, desconectar, desagregar, reverter tudo ao nada. O equilíbrio entre as duas pulsões seria primordial e elas deveriam sempre atuar num movimento paralelo onde a pulsão de morte deve permanecer atrelada a serviço da vida. Por exemplo, um indivíduo deprimido pode entregar-se totalmente a este estado (instinto de morte atuando), ou fazer uso da iniciativa para transformar a agressividade em atos mais construtivos (instinto da vida atuando), como procurar alguém para conversar sobre o seu estado, ou tentando se tranquilizar com a fantasia de esperança de que este estado possa mudar – a depressão, neste caso, seria percebida como uma circunstância e não como uma experiência emocional definitiva. Por fim, o suicídio ocorreria quando isso não acontecesse, sendo ele a expressão máxima da pulsão de morte.

Com Menninger, que tem escrito extensamente sobre o suicídio e publicou o aqui já lembrado *Eros e Tanatos - o homem contra si próprio*, coloca em questão que o ato do suicídio vai exigir a coincidência do: “desejo de matar, o desejo de ser morto e o desejo de morrer”. Justamente seguindo esse tom, G.K. Chesterton postulou que: “o homem que se mata, mata todos os homens; no que lhe diz respeito, ele elimina o mundo”(1925 apud SOLOMON, 2014, p. 327). Aqui, brevemente, podemos criar um

paralelo com a situação vivida por Pedro da Maia, explicando o seu suicídio como um desejo de vingança contra Maria Monforte e Tancredo só que direcionado para si mesmo.

Por fim, o suicídio, segundo definição clássica de Durkheim de 1887 e citado por Feijó (1998, p. 22) é “... toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima. Tentativa de suicídio é o ato assim definido, mas interrompido antes que a morte daí tenha resultado”. Durkheim foi responsável por tirar o suicídio de dentro de uma esfera da moralidade e o colocou no domínio mais racional da ciência social. De acordo com Solomon (2014, p. 323), contrário às crenças de seu tempo, Durkheim propôs que, embora o suicídio seja um ato individual, suas origens são sociais. Um suicídio visto individualmente é o resultado da psicopatologia, mas a aparência relativamente consistente de uma tendência psicopatológica ao suicídio parece estar ligada aos construtos sociais. Em cada sociedade há um contexto diferente para o ato suicida, mas pode ser que uma certa porcentagem da população em toda sociedade procure acabar com a própria vida. Os valores e costumes de uma sociedade determinam as causas que levarão ao ato e em que lugar.

Assim sendo, é de interesse também trabalhar a questão do suicídio em Portugal. Conforme as estatísticas da Sociedade Portuguesa de Suicidologia¹, desde 1996 até 2011 as taxas de suicídio por 100.000 habitantes superam a média global em todos os anos. Dito isto, também não é necessário ir longe do mundo literário para lembrar de escritores portugueses que cometeram o tal ato: o próprio Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro e Manuel Laranjeira. Dados que fazem valer a citação do ensaísta espanhol Miguel de Unamuno dizendo que “Portugal é um povo triste, e é-o até quando sorri. A sua literatura, incluindo a sua literatura cómica e jocosa, é uma literatura triste. Portugal é um povo de suicidas, talvez um povo suicida” (UNAMUNO, 2008).

No que tange, então, ao elo literatura e suicídio, Alfred Alvarez no prólogo de *O deus selvagem* explica a motivação para realizar o estudo da morte voluntária apoiado nos textos literários.

¹As estatísticas da Sociedade Portuguesa de Suicidologia podem ser acessadas pelo link: <http://www.spsuicidologia.pt/sobre-o-suicidio/estatistica> último acesso: 17/05/2015

Quanto mais eu lia pesquisas técnicas, mais convencido ficava de que o melhor que poderia fazer seria olhar para o suicídio do ponto de vista da literatura, para ver como e por que ele afeta o imaginário de pessoas criativas. Isso porque a literatura não só é uma matéria sobre a qual sei alguma coisa, mas também porque é uma disciplina que diz respeito, acima de tudo, àquilo que Pavese chamou de “esse negócio de viver”. Já que o artista é, por vocação, alguém mais consciente de seus motivos e com maior capacidade de expressão do que a maioria das outras pessoas, parecia provável que pudesse iluminar sendas que tivessem escapado a sociólogos, psiquiatras e estatísticos (ALVAREZ, 1998, p. 13).

Assim, Alvarez de certa forma sugere que os conhecimentos teóricos respaldados nas ciências sociais, na psiquiatria e até na filosofia seja pensado olhando também o suicídio no ponto de vista da literatura para tentar entender como ele vai afetar o imaginário dos autores, ou, dentro dos termos que ele coloca, “das pessoas criativas”.

Por fim, espero, ao longo desta pesquisa, trabalhar a ideia de que na literatura romântica, as personagens possuem uma trajetória ascendente, que ruma para a felicidade ou para o heroísmo, utilizando-se de um tipo de suicídio passional, descrito por Marcos Guedes Veneu no livro *Ou não ser*, contrariamente ao que ocorre na literatura realista que vai mostrar uma visão, de certa forma, mais naturalista do suicídio, associado não à paixão, mas, com uma visão da morte voluntária anexada à melancolia, ao sofrimento, à depressão, como é visto em Pedro da Maia e sendo este suicídio, conforme Marx, também sintoma de uma sociedade doente e que necessita de uma transformação radical (MARX, 2006).

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. O Deus Selvagem: um estudo sobre o suicídio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ALVES, C. C. (Org.); PAVANELO, L. M. (Org.); SOUZA, R. M. (Org.); OLIVEIRA, A. L. P. C. (Org.). *Repensando a literatura portuguesa oitocentista: ensaios críticos*. 1. ed. São Paulo: Biblioteca 24X7, 2010.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de Perdição*. Edição Ilustrada. São Paulo. Editora: Porto Editora, 1984.

CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988

DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

GUILLOIN, Claude. BONNIEC, Yves Le. *Suicídio: modo de usar - História, técnica, notícia*. Lisboa: Antígona, 1990.

GINSBURG, Jacob (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MENNINGER, Karl (1938). *Eros e Tânatos: o homem contra si mesmo*. São Paulo: Ibrasa, 1980.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1968.

QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Rio de Janeiro, GB, Companhia José Aguilar Editora, 1970.

SOLOMON, Andrew. *Demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014

UNAMUNO, Miguel de. *Portugal, povo de suicidas*. Lisboa: Letra Livre, 2008.